

Aos 67 anos, Ricardo Cordeiro segue mais atuante do que nunca após superar, com a música, as adversidades de sua saúde

reportagem cultural



## King Jim, Dr. em vida e rock 'n' roll

Cristiano Bastos, especial para JC

Novembro de 2013. Ricardo Weissheimer Cordeiro, mais conhecido no meio musical pelo apelido de King Jim e, no Brasil, por ter sido saxofonista dos lendários Garotos da Rua (dos hits nacionais *Tô de Saco Cheio* e *Eu Já Sei*), desperta no meio da madrugada na cama de um hospital. Ele havia passado por um transplante de fígado e se encontrava completamente confuso. Entubado, não conseguia mexer-se, nem tampouco falar. Pensou estar numa tumba ou que jazia nas profundezas do inferno, imerso na escuridão. “No fundo eu ouvia uma voz que dizia: ‘Não tenta te mexer, não tenta falar’. Pensei que podia ser o diabo ou que, talvez, tivessem me enterrado vivo. Mas era somente um enfermeiro que tinha acendido a luz. Aí dei-

me conta do que havia sucedido. Parecia que minha alma tinha voltado ao corpo”, lembra King Jim, que revela ter sido salvo ao receber o órgão da generosa família de um doador, nas suas palavras, aos “47 do segundo tempo”.

A marcante experiência, menos de um ano depois, levou o saxofonista a criar, ao lado dos músicos Jimi Joe e Bebeto Alves, o trio Los 3 Plantados. Antes disso (e depois de sua passagem pelos Garotos da Rua), integrou formações clássicas do rock gaúcho como Os Replicantes e Lory F. Band, grupo do qual foi fundador, nos anos 1990, ao lado de Lory Finocchiaro. Contando 67 anos de idade e nascido em Porto Alegre no dia 15 de janeiro de 1957, atualmente (e após ter tocado com “meio mundo”, levando o inconfundível som de seu sax à gravações com artistas provenientes

de diversos gêneros), o imparável King Jim diz estar vivendo uma nova fase, na vida e na carreira. “Sinto-me rejuvenescido, por incrível que pareça, depois de tudo que passei nos últimos tempos em relação à minha saúde. Parece até antagônico, porém, além de imensa disposição para trabalhar, agora estou numa fase mais feliz e de maior tranquilidade existencial. Já não existe mais aquela competitividade de antes, e isso é libertador”, filosofa.

Tendo de enfrentar a vida toda, por outro lado, problemas decorrentes de uma severa asma, o saxofone tornou-se o instrumento escolhido por King Jim como “remédio” para amenizar as condições de uma saúde frágil. “Nasci com um quadro grave de asma que me acompanha até hoje. O sax ajuda a melhorar minha resistência pulmonar”, afirma. Cedo

ele percebeu que teria de enfrentar desafios relativos ao aperfeiçoamento de sua técnica por conta de ter feito a escolha por tal instrumento. “Tive que forjar uma maneira com características pessoais de tocar, inventando uma linguagem nova para jamais parecer que estava tentando imitar esse ou aquele instrumentista”. Antes disso, outra saída oferecida pelos médicos para a amenização de sua asma foi a de que cantasse em corais (o que fez ao longo de sua juventude) e, desse modo, obtivesse maior expansão ao seu aparelho pulmonar.

O músico Felipe Rotta, que há sete anos empresta seu talento de guitarrista a Humberto Gessinger, conta que desde a adolescência já acompanhava o trabalho de King Jim. Em 2016, através de um amigo em comum, eles conheceram-se pessoalmente e, desde

então, conceberam juntos inúmeras parcerias. “Vi no King, além de um grande artista, um sujeito extremamente congregador. É sempre um prazer estar junto desse amigo de muito talento e generosidade”, enaltece o guitarrista. Mas, com absoluta certeza, aquela que exerceu papel fundamental para total recuperação de King Jim, nos dias em que passou pelo transplante, é a advogada Karen Nimhauser, sua esposa há 30 anos. “O King Jim, assim como a gente vê no palco, é uma pessoa extremamente divertida. Seu humor é incrível. Fora que é um cara muito companheiro, inteligente e criativo. Depois do transplante, ele se recuperou maravilhosamente bem. Eu sempre digo que o King Jim é um milagre ambulante”, atesta Karen.

Leia mais na página central